

acessos ao site do Google. Esse é, por sinal, o site mais acessado da internet. Estamos habituados à tela única, seja do computador, seja da televisão. Mas em breve nosso cotidiano será dominado por multitelas. Serão várias portas de entrada para o mundo virtual, em conexão para criar universos variados diante de nossos olhos. E tudo por uma navegação fácil, intuitiva.

Como isso modifica nosso dia a dia?

Será comum, por exemplo, assistir a um filme na TV com um tablet na mão. O tablet se conecta à TV, compreende o que está sendo transmitido e oferece conteúdo extra para que a experiência seja mais bem aproveitada. Na tela que está na palma da mão, o espectador poderá conferir quem são os atores, qual é a marca do vestido da heroína, comprar passagens aéreas para visitar o país no qual determinada cena foi filmada. Ao mesmo tempo, isso cria outras formas de comunicação. Podem-se conferir no smartphone os comentários de amigos ou de críticos especializados sobre o filme a que se está assistindo. Dá para saber como o assunto repercute no Facebook. Ou conferir no YouTube um vídeo dos bastidores de determinada cena e até uma entrevista, ao vivo, com o ator principal. O momento é de quebra de paradigmas na forma como interagimos com o mundo físico e com o virtual.

Chegará o dia em que jogaremos nossos PCs no lixo? No lazer eles já foram substituídos. Mas o PC ainda é ferramenta essencial para alguns tipos de profissionais, como os que têm de escrever muito ou os que trabalham com design e programação. Em breve, porém, haverá máquinas que tomarão suas funções também no âmbito profissional.

Os óculos desenvolvidos pelo Google — o Glass, que coloca telas translúcidas similares à de smartphones diante dos olhos do usuário — são um exemplo dessa era de multitelas? Sim. O Glass pode ser a primeira tela, já que nele é possível navegar na web, assistir a um vídeo, acessar e-mails. Mas também pode ser a segunda, ou terceira, ou quarta tela, em

“A complicada e burocrática legislação brasileira coloca barreiras únicas no mundo para quem quer investir ou empreender. Há práticas fiscais e logísticas, além de leis protecionistas exageradas, que só existem no Brasil”

combinação com televisores, tablets, smartphones, relógios computadorizados. Porém ele é mais do que isso. Além de ser um bem resolvido produto da era das multitelas, o Glass populariza um novo conceito, conhecido como *wearables*. São tipos de tecnologia digital que podem ser vestidos e desempenhar múltiplas funções. Os exemplos são os relógios com GPS e acesso à web e as pulseiras que monitoram os batimentos cardíacos de quem faz exercício. Nossos óculos são também o símbolo de outra mudança, a criação de softwares cada vez mais inteligentes. O que nós, engenheiros e cientistas da computação, estamos agora desenvolvendo são programas que não funcionam mais sob demanda. Não é preciso acioná-los com um objetivo específico. Eles são como assistentes virtuais de nosso cotidiano. Com o Glass, não é necessário pensar em acessar o GPS para ter indicações sobre um caminho. Se os óculos percebem que o usuário segue em determinada direção, eles oferecem uma rota elaborada por GPS. Se no meio do trajeto o software detecta trânsito intenso, ele cria um caminho alternativo. Se os compromissos na agenda indicam atraso inevitável para uma reunião, o Glass pode sugerir o envio de mensagens pedindo às pessoas

que esperem. Se entramos em uma loja com um smartphone que tem um desses softwares, ele indica, baseado no que sabe de nosso gosto, uma camisa em promoção que combina com nossa preferência. As possibilidades são quase incontáveis.

Como o software inteligente vai transformar nossa vida? Não precisaremos mais nos preocupar com a logística de viver. O software tomará decisões burocráticas por nós. Se quisermos assistir a um filme, ele procurará automaticamente uma boa sala de cinema nas proximidades, comprará os ingressos, reservará os melhores assentos disponíveis, reservará a mesa de um restaurante para o jantar após a sessão. Se for preciso, chamará um táxi ou programará o carro, que terá piloto automático, para pegá-lo, deixá-lo no cinema, estacionar nas redondezas e levá-lo de volta para casa. Não precisaremos mais nos preocupar com questões chatas, o que deixará nosso cérebro livre para pensar no que é importante, naquilo que só os seres humanos podem pensar. São softwares que vão melhorar nossa qualidade de vida.

Esse tipo de tecnologia não está distante do dia a dia da maioria das pessoas? Ao contrário, está cada vez mais presente. O programa Google Now, de smartphones e tablets, acompanha a rotina do usuário para entendê-lo o suficiente a fim de oferecer soluções para tarefas rotineiras. Existem softwares de reconhecimento de voz que usam esse tipo de tecnologia e também sistemas de GPS e de busca na web. Os óculos do Google chegarão em breve às lojas. A tecnologia dos carros autônomos, guiados por computador, também já existe. Vários estados americanos aprovaram ou estão próximos de aprovar leis que permitem a compra e o uso desses automóveis nas ruas. Já os vemos no Vale do Silício, logo estarão em todos os cantos. Na Califórnia, onde é possível circular com eles, eu usei várias vezes um desses carros, com tecnologia do Google, e ele funciona incrivelmente bem. Softwares inteligentes estão instalados em muitos aparelhos. A popularização é ainda um processo em curso, mas essas inovações já deixaram de ser exóticas.